

humanitas

Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

1556, ano em que um frade, chamado André Thevet, companheiro de Villegagnon no Brasil, o introduziu no seu país (10).

Jean Nicot, que era um homem cultivado, esteve em contacto com o movimento humanístico em Portugal, pois foi ele quem levou para Paris, onde o fez imprimir em 1566, o poema *Sintra* de Luísa Sigeia.

Ainda a respeito do tabaco, recorde-se que em Itália foi conhecido por *erba Santa Croce*, do nome de Prospero Santa Croce (11), legado pontifício que esteve em Lisboa em 1561 e regressou a França nesse mesmo ano.

Depois destas apostilas portuguesas à vida e obra de Buchanan, seja-me permitido concluir, dizendo que a tese do Dr. Ford é um trabalho notável, em que alguns dos capítulos como o segundo, «Neo-Latin Poetry: the theoretical background», e o terceiro, «George Buchanan and Neo-Latin Poetic Theory», têm um interesse que ultrapassa em muito Buchanan e a sua obra poética.

A. C. R.

ALEXANDRINO E. SEVERINO, **Fernando Pessoa na África do Sul. A formação inglesa de Fernando Pessoa**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983, 315 pp.

Quando se publica um artigo, não podem prever-se as consequências dele resultantes, no tempo e no espaço. Assim, a afirmação de que era desconhecida a escolaridade de Fernando Pessoa na África do Sul, afirmação (1) que correspondia a um facto em 1962, despertou em Alexandrino E. Severino o desejo de preencher essa lacuna com um trabalho exaustivo de investigação. Daí resultou uma tese de doutoramento que, depois de impressa no Brasil, em 1969, e esgotada, vê agora a luz em Portugal, tão brasileira como saiu das mãos do Autor, pois nem sequer as quesílias ortográficas impuseram na margem europeia da língua portuguesa qualquer alteração à forma inicial. Não sei se no Brasil a inversa seria aceite.

Em resultado da minuciosa pesquisa feita, aquilo que era um vago indício tornou-se uma corrente caudalosa de documentação e de provas sobre a importância da cultura obtida por Fernando Pessoa na *Durban High School*. Formação literária de cunho clássico, adquirida sobretudo em inglês e em latim, sob a direcção do latinista apaixonado (e exímio conhecedor da poesia inglesa) que era o director da escola, W. H. Nicholas.

(10) Luís de Matos, *op. cit.*, p. 87.

(11) A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969, p. 342.

(1) A. Costa Ramalho, «O Globo Mundo em sua mão», *Colóquio* 17, Lisboa, 1962.

A sua concepção dos clássicos na educação dos jovens está bem expressa no discurso que pronunciou, ao despedir-se, em 1909, da escola onde ensinara trinta anos. Dele cito o período final, na tradução do Prof. Severino: «No entanto, quero repetir, como várias vezes o fiz no passado, que uma educação baseada nos clássicos, e falo dos ingleses e franceses, bem como dos gregos e latinos, uma educação firmada naquilo que a história pode ensinar, no pensamento e na filosofia dos grandes homens do passado, será essa educação que irá permitir ao homem vencer a batalha da vida, distinguir-se entre os seus semelhantes e no final resignar-se ao inevitável.» (pp. 59-60).

Alguém objectará: educação para *élites*, desprezível em tempo de democracia (ou de demagogia?). Mas a verdadeira democracia não dispensa os «melhores» (as tais *élites*), e um cérebro bem estruturado mentalmente tem lugar em qualquer escalão da sociedade. É de tais cérebros que temos falta em Portugal.

Voltando à educação literária de Pessoa. Pela documentação estudada, nomeadamente programas dos exames a que o estudante português foi submetido, fica a saber-se que um género poético como a ode (aprendida na tradição clássica inglesa) estava na primeira linha das preocupações dos seus mestres: que a ode seja pindárica ou horaciana, pouco importa. Aliás, Píndaro, poeta *sui generis*, inimitável *stricto sensu* pelo seu génio literário e pelas condições da língua em que escreveu, só pode servir como sugestão longínqua de eloquência, imaginação e pompa que certos poemas monumentais de Álvaro de Campos lembram vagamente. Mas a literatura inglesa do século xvii tinha uma corrente poética à maneira de Píndaro, na qual sobressaiu Milton que Pessoa estudara e admirava.

Horácio está mais na tradição da poesia moderna, do Renascimento até os nossos dias. E todos sabem como Ricardo Reis (2) procura recordá-lo, à sua maneira.

Tudo isto se encontra cuidadosamente estudado no livro de Alexandrino Severino que nos dá também, na p. 223, uma versão do carme 70 de Catulo, feita em verso inglês por Pessoa. Além da curiosidade de ser um pequeno poema de amor (irónico, é certo), a tradução de Pessoa é fiel e parece-me bem sucedida.

Assim, este livro do Prof. Severino, de leitura obrigatória para os classicistas que se interessam por Fernando Pessoa, mostra-nos, entre muitas outras coisas, como um grande poeta aprendeu consciente e laboriosamente a sua arte.

A. C. R.

(2) Também a Álvaro de Campos sucede citar Horácio, como naquele *Teucro duce et auspice Teucro* e num *cras*, durante muito tempo mal lido, que vêm de Horácio, Odes I, 7. Cf. *Obra Poética* editada por Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro, Aguilar, 1972, pp. 411 e 727-728.